

REGA RP1

A eficácia da simplicidade



Há quem diga que o vinilo está na moda. Outros advogam que se trata apenas de um fenómeno de revivalismo sobre um formato condenado à extinção. O que é certo, contudo, é que dificilmente se viu um tão grande interesse acerca dos discos pretos e dos gira-discos na época digital, que tem sido marcada não apenas pelo surgimento de novos modelos de equipamentos, mas também pelo lançamento conjunto de novas edições discográficas no formato CD e em vinilo.

Desde que o CD se impôs como formato comercial dominante, que os fabricantes de gira-discos tiveram de procurar alternativas para poderem continuar a existir no mundo do áudio. Muitos desapareceram nesse processo de reconversão, contudo alguns houve cuja tenacidade lhes permitiu continuar a fabricar gira-discos, ainda que tenham diversificado a oferta e passado a

oferecer também outras peças da cadeia de um sistema de áudio e até de vídeo. Uma das marcas que nunca deixou de apostar no analógico foi a Rega Research, cuja obra mais recente é o objecto deste artigo.

Descrição

O RP1 não precisa de apresentação para ser imediatamente reconhecido como um Rega.

Se a marca prima pela simplicidade e qualidade dos componentes para atingir o objectivo da excelência na reprodução sonora, o RP1 não só não foge a essa regra como a leva ainda um pouco mais longe.

É um gira-discos de tracção por correia e mudança manual de velocidade. Emprega um motor de alta qualidade e baixa vibração, normalmente utilizado em modelos



mais dispendiosos, e um veio central com uma folga mínima, cuja lubrificação leva apenas duas gotas de óleo que formam uma película homogénea. Este veio suporta um subprato, o qual está ligado ao motor através da correia e suporta o prato pro-

priamente dito.

O braço é o novo RB101, cuja construção denota uma mecânica de precisão. Utiliza rolamentos de excelente qualidade, que garantem um movimento, quer horizontal

quer vertical, livre de atritos. O RB101 traz montada uma célula de magneto móvel Ortofon OM5E. Curiosamente, o braço possui um batente que proporciona a força de apoio de 1,75 g quando o contrapeso se





encontra encostado a esse batente, e que é a força de apoio recomendada para a célula em questão. Claro está que é possível a instalação de outras células, devendo nesse caso proceder-se às necessárias afinações, tanto da força de apoio como do *anti-skating*, contudo, tal como se apresenta, o RP1 é uma solução completa e pronta a utilizar.

Por curiosidade fui medir a força de apoio com a minha balança electrónica e o resultado foi precisamente 1,8 g.

O RP1 passa a constituir o nível de entrada na gama Rega; no entanto, a marca tem disponível um *pack* designado RP1 turntable performance *pack*, com o qual se obtém um *upgrade* instantâneo. Este *pack* contém a célula de leitura Rega Bias 2, uma correia de transmissão de superior qualidade e um tapete de prato de lã pura.

Audições

O Rega RP1 foi ligado ao prévio de phono Plinius M14, e este à amplificação Mark Levinson 326S/432. As colunas foram as

Revel Ultima Studio 2 e a cablagem constou de Cardas Crosslink balanceado entre prévios de phono e de linha, Kimber Select 1121 entre pre e *power* e Monocle XL nas colunas. Devo dizer que nunca ouvi um Rega tocar mal, de modo que já esperava um som de qualidade perfeitamente aceitável, ainda que mentalmente estivesse a dar um desconto em face do baixo custo do conjunto e considerando também a modesta célula utilizada. Foi assim com verdadeiro espanto e de queixo caído que iniciei as audições do RP1 com o álbum *The Wall* dos Pink Floyd. Foi imediatamente aparente que o RP1 não precisa de descontos nem de condescendências, pois é capaz de produzir uma sonoridade de grande qualidade, onde pontua de forma óbvia um sentido rítmico e um vigor que agarram o ouvinte à música desde o primeiro minuto.

Comparando com o meu Michell Gyrodec + RB300 + Benz Micro Glider ou com o Rui Borges Uno que ouvi recentemente, o Rega possui uma sonoridade menos refinada com

um palco de menores dimensões e uma menor capacidade para revelar os silêncios da música, mas, ora bolas!, estamos a comparar o incomparável, o Rega custa cinco a dez vezes menos que os *setups* mencionados, e nem por isso se envergonhou com a comparação.

Claro que há diferenças, mas o que o Rega consegue fazer por um preço de menos de 400 € é algo absolutamente inacreditável.

Depois de *The Wall* passei a Beethoven e ao álbum *Incantations* de Mike Oldfield. A gravação da 5.ª Sinfonia de Beethoven com Karajan à frente da Orquestra Filarmónica de Berlim veio confirmar as qualidades rítmicas do Rega, que denotou uma apresentação vigorosa, incisiva, com prioridade para a apresentação global da orquestra em detrimento do pormenor fino, mas que, graças sobretudo a uma gama média esclarecedora, aberta e plena de naturalidade, proporciona uma notável paleta tonal e uma grande riqueza harmónica, que nos transporta facilmente para sala de concertos.

Na música de Mike Oldfield, a enorme variedade de instrumentos utilizados, bem como o tratamento electrónico que lhes é aplicado foram facilmente revelados, com uma sonoridade onde se destacou de novo o grave potente e bem articulado, com um notável equilíbrio entre extensão, definição e fluidez, uma gama média aberta e envolvente e um registo agudo limpo, detalhado, ao qual poderá faltar o refinamento e extensão das melhores células MC, mas que não peca nem por defeito nem por excesso, exibindo antes um notável equilíbrio entre extensão, resolução e presença – ouça-se, por exemplo, a reprodução dos metais da orquestra de Duke Ellington –, e permitindo usufruir de uma dinâmica equilibrada, que não impõe limitações ao nível do volume e que confere à reprodução musical aquele carácter de liquidez que é apanágio das fontes analógicas, mas sempre com a garra necessária a uma plena fruição da música.

Conclusão

Como em tudo na vida, também a actividade de crítico de áudio tem vantagens e desvantagens. Por um lado, permite-nos contactar em primeira mão com as novidades acabadas de chegar ao mercado, por outro lado, pode instalar-se uma sensação de *dejà vu*, que é tanto mais provável depois de termos convivido com

dezenas ou centenas de equipamentos diferentes. É assim recompensador quando temos a possibilidade de testar um equipamento que não só nos surpreende como desfaz algumas ideias preconcebidas. Foi este o caso do Rega RP1.

Comecei a olhar para ele com alguma condescendência, procurando no baixo preço uma desculpa para a menor qualidade que julgava ir encontrar, e acabei por descobrir um equipamento que não precisa de desculpas e se assume como uma proposta altamente recomendável.

De facto, que um gira-discos deste preço possa oferecer uma tal qualidade de reprodução sonora e, simultaneamente, uma tal facilidade de instalação, era algo que eu desconhecia. Na minha opinião, o Rega RP1 assume-se como uma das grandes pechinchas audiófilas de 2011, à espera de ser descoberto pelos amantes do som analógico. Eu já fiz a minha parte, convido-o a si, caro leitor, a fazer a sua.

Preço: 320 euros

Representante: Audio team

Telefone: 21 764 95 32

Web: www.audioteam.pt



THE PATH TO REALITY

